

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Pedro Barbosa de Lima Neto

**UMA ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO DO
MÉXICO E SUA DEPENDÊNCIA ECONÔMICA (E COMERCIAL) AOS
ESTADOS UNIDOS ENTRE 2010-2020**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Economia e
Relações Internacionais da Universidade
Federal de Uberlândia como pré-requisito
para a obtenção do título de Bacharel em
Relações Internacionais.

Orientadora: Dra. Thaís Guimarães Alves.

Uberlândia
2023

UMA ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO DO MÉXICO E SUA DEPENDENCIA ECONÔMICA (E COMERCIAL) AOS ESTADOS UNIDOS ENTRE 2010-2020

Pedro Barbosa de Lima Neto¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo avaliar o desenvolvimento socioeconômico do México e a dinâmica da relação deste para com os Estados Unidos, já que esta é considerada de dependência econômica (e comercial), especialmente quando se prova uma relação unidimensional e de longo prazo tanto do volume quanto da pouca diversificação das importações e exportações do México com os EUA. Nesse sentido, a partir do cenário de dependência ou subordinação do México, uma aproximação com o Brasil vai ser apresentada em resposta a uma alternativa de minimização de tal dependência, visto que, mesmo com o grau de importância que os Estados Unidos representam na economia mundial, a relação deste com o México não foi capaz de lhe resultar estatísticas favoráveis aos vários índices que captam o seu desenvolvimento econômico.

Palavras chave: México, Estados Unidos, Brasil, Dependência Econômica, Desenvolvimento Socioeconômico.

Abstract: The present article aims to evaluate the socioeconomic development of Mexico and the dynamics of its relationship with the United States, given that it is considered one of economic (and commercial) dependence, especially when a one-dimensional and long-term relationship is evidenced, both in terms of the volume and the limited diversification of imports and exports between Mexico and the U.S. In this sense, from the scenario of Mexico's dependence or subordination, an approach with Brazil will be presented as a response to an alternative for minimizing such dependence. This is because, even with the level of importance that the United States represents in the global economy, its relationship with Mexico has not resulted in favorable statistics across various indices that measure its economic development.

Keywords: Mexico, United States, Brazil, Economic Dependence, Socioeconomic Development.

¹Graduando em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia. Email: pbln1603@ufu.br

1.Introdução

Dos países que formam a América Latina, o Brasil e o México são importantes tanto em razão do montante do PIB (Produto Interno Bruto), quanto do PIB per capita e do contingente populacional. Segundo o Banco Mundial (2022), em 2021, o PIB do Brasil foi de US\$ 1,61 trilhões e o PIB per capita US\$7,50; já o PIB do México foi de US\$ 1,27 trilhões e o PIB per capita de US\$10,04 no ano de 2021. Quanto ao contingente populacional, o Brasil tem mais de 210 milhões de habitantes e o México apresenta cerca de 126 milhões de habitantes. (WORLD BANK, 2022).

Quanto aos indicadores de desenvolvimento socioeconômicos, de acordo com o Doutor em Desenvolvimento Regional, Dieter Rugar Siedenberg (2003 p.68), estes são classificados como “medidas estatísticas representativas de um recorte da realidade que têm sentido somente quando são inseridos num contexto teórico-metodológico que lhe empresta o respectivo significado”; sendo considerados fatores econômicos e sociais (Siedenberg, 2003). Carvalho (2018) nos termos de Ray (2002), entende o desenvolvimento como um termo adjetivado do termo socioeconômico, e de caráter multidimensional, incluindo certos fatores como “a redução da mortalidade infantil, o aumento da esperança de vida, o incremento da porcentagem de pessoas que sabem ler e escrever, o acesso geral a serviços médicos e sanitários, entre outros” (CARVALHO, 2018, p.139).

Assim, mesmo tendo uma grande população e um PIB na casa dos trilhões, a economia do México não apresenta um grande desempenho econômico, no que tange a qualidade de vida da população. Desta maneira, conforme o World Bank Data (2022), o México iniciou a década de 2010 com pouco mais de 46% de sua população vivendo em situação de pobreza, tendo, a partir de então, o número mais baixo no ano de 2018, de 41,9%, e subindo para cerca de 44% no ano de 2020, conforme a taxa de incidência de pobreza multidimensional. Outro dado expressivo sobre a situação socioeconômica do México é em relação a população que vive com menos de US\$6,85 por dia, sendo 38% da população no ano de 2010; novamente, o número mais baixo no ano de 2018, com cerca de 31%, e aumentando para 33% em 2020. (WORLD BANK, 2022).

Os Estados Unidos é o maior parceiro comercial do México visto a origem e o destino das importações e exportações do país latino-americano. Nesse sentido, seria de se pressupor bons índices econômicos ao México, já que a maior parte de sua economia

está fortemente ligada à relação comercial com uma das maiores potências econômicas do mundo. No entanto, essa correlação não necessariamente garante automaticamente índices socioeconômicos positivos, uma vez que fatores internos e externos, como políticas governamentais, flutuações nos mercados globais, desigualdade de distribuição de renda e outros elementos, podem influenciar significativamente os resultados econômicos do México.

Tal ocorrência ganha ênfase se for atentado que, em conjunto ao Canadá, país este que também possui um bom desenvolvimento socioeconômico, os Estados Unidos e o México compõem o Tratado Norte-Americano de Livre-Comércio (NAFTA), ou seja, somente o México parece não ter sido beneficiado com tais relações. Em 2020, o Canadá exibiu um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) impressionante de 0,93, indicando um alto padrão de qualidade de vida, acesso à educação, saúde e padrão de vida. Além disso, seu Produto Interno Bruto (PIB) atingiu a marca de 1,64 trilhões de dólares, solidificando sua posição como uma das economias mais fortes e diversificadas globalmente. Enquanto o Canadá e os Estados Unidos se beneficiaram substancialmente das disposições do NAFTA, o México enfrentou desafios que levaram a desequilíbrios econômicos e sociais, gerando discussões sobre os efeitos globais das políticas comerciais. Ademais, ainda mesmo pertencendo ao Sul global, às relações comerciais (e econômicas) do país latino-americano com os demais caracterizados como parte do Sul-Sul global são baixíssimas.

O Nafta por sua vez, se mostra de grande importância visto que não é apenas um acordo que versa sobre livre comércio de bens e serviços mas também discorrem sobre temas como o meio ambiente, trabalho, temas imigratórios, investimentos e etc. Desta maneira, o Nafta representou um ponto crucial no avanço das negociações internacionais, estabelecendo um terreno fértil para futuros acordos, evidenciando a importância do Nafta em escala global (UNIMEP, 2008).

Posto isto, o presente artigo tem como objetivo avaliar o desenvolvimento socioeconômico do México e a dinâmica da relação deste para com os Estados Unidos, já que esta é considerada de dependência econômica (e comercial), especialmente quando se prova uma relação unidimensional e de longo prazo tanto do volume quanto da pouca diversificação das importações e exportações do México com os EUA. O trabalho é guiado por algumas questões, sendo elas: o México é dependente dos Estados

Unidos economicamente e comercialmente? Como uma minimização desta dependência, promovida por uma aproximação do México com o Brasil ou de outros países do Sul global, pautada em uma relação Sul-Sul, pode favorecer todos os países? Um crescimento econômico razoável garante necessariamente resultados satisfatórios dos índices socioeconômicos que mensuram a qualidade de vida de um país?

O método empregado é o hipotético-dedutivo, acompanhado pela abordagem procedimental de pesquisa exploratória e análise explicativa. Essa escolha metodológica é baseada na premissa inicial de que de fato existe uma relação de dependência do México em relação aos Estados Unidos. Isso é claramente evidenciado pelo fato de que a maioria das importações e exportações do México tem os Estados Unidos como destino ou origem predominante. Todavia, mesmo reconhecendo os laços sólidos e a importância dos Estados Unidos na economia, é notório que os indicadores socioeconômicos do México não têm demonstrado mudanças expressivas. Portanto, uma maior aproximação entre o México e os países do Sul Global poderia trazer benefícios significativos para a economia mexicana, resultando em uma redução da dependência econômica em relação aos Estados Unidos.

O artigo está dividido em 3 seções, além da introdução e das considerações finais. A primeira seção é subdividida em duas. Na primeira será abordado o desenvolvimento socioeconômico do México. Nesse caso, será explorado os indicadores-chave que moldaram o cenário econômico e social do país, incluindo crescimento econômico, educação, saúde, desigualdade e pobreza. Na segunda subseção, a atenção está para o desempenho econômico do México e os desafios do seu baixo crescimento, momento em que se examina a evolução da economia mexicana, identificando os obstáculos que limitam seu crescimento e as estratégias para enfrentar essas questões.

As relações do México na América Latina (Brasil) e os EUA bem como sua dependência econômica e comercial ocorrerá na seção 3, a qual é subdividida em três subseções. No geral, nestas foi considerado os aspectos diplomáticos e comerciais identificando áreas de cooperação e potenciais conflitos, bem como a análise das complexas interações entre o México, Brasil e Estados Unidos e a dependência econômica e comercial do México com os EUA.

A compreensão do tamanho e da importância do México como a 2ª maior economia latino-americana, e seu papel de influência na América Central, torna-se de grande relevância, uma vez que a maioria das pesquisas concentram-se no período que vai da década de 1980 ao início dos anos 2000. A falta de investigações sobre esta economia e suas relações com os países latino-americanos não apenas indica um campo crucial para a pesquisa acadêmica brasileira, mas também ressalta um ator de grande importância frequentemente subestimado pelos países latino-americanos.

2. Uma breve análise do desenvolvimento socioeconômico do México no período 2010-2020.

Os índices socioeconômicos do México não apresentam um bom desempenho econômico, o que merece atenção, dado que o país possui um PIB superior a 1 trilhão de dólares desde o ano de 2010. No entanto, desde a década de 1990, as políticas econômicas do país em questão são guiadas pelos ideais neoliberais como as descritas pelo Consenso de Washington.

Para contextualizar, o Consenso de Washington foi um encontro no mês de novembro de 1989, sediado em Washington, Estados Unidos, em que membros do governo em conjunto a organismos financeiros como o FMI, Banco Mundial e BID versaram acerca de reformas econômicas que foram realizadas no país com base em ideais neoliberais². (BATISTA, 1994).

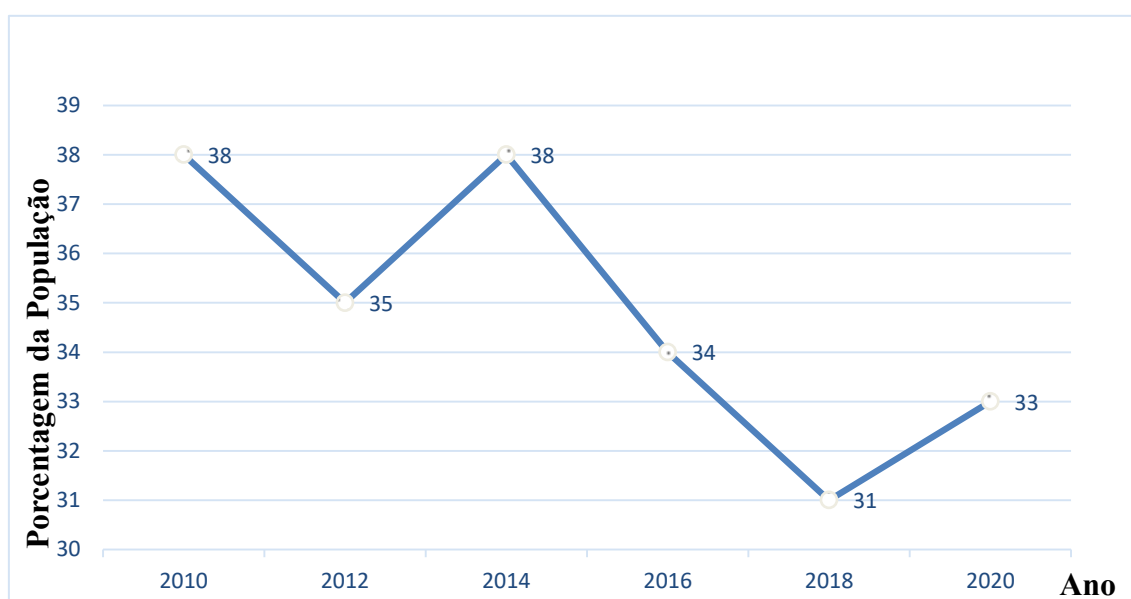
Assim, conforme a adoção do receituário neoliberal, as taxas de crescimento da economia mexicana mostraram-se relativamente baixas se comparadas ao período em que as políticas de substituição de importações eram dominantes no período anterior a este em questão, cujas taxas de crescimento se mantiveram elevadas ao longo do tempo. Ainda mesmo com pouca expressão de crescimento, é observada certa instabilidade desde que foram adotadas tais políticas, fato este que pode evidenciar a extrema

² Segundo Williamson (2004) nas palavras de Vasconcelos e Lipovetsky (2021), as políticas neoliberais do Consenso de Washington incluíam: “disciplina fiscal, redução dos gastos públicos, reforma tributária, juros de mercado, câmbio de mercado, abertura comercial, investimento estrangeiro direto sem restrições, privatização de empresas estatais, desregulamentação econômica e trabalhista, regulamentação e proteção dos direitos de propriedade intelectual.”

dependência da demanda externa como principal agente. (CABRERA, 2010; GUILLÉN, 2012; JUAREZ; BRID, 2016).

Conforme o Gráfico 1, a avaliação do índice da população que vive com menos de US\$6,85 por dia é de grande importância para compreender a situação socioeconômica da população mexicana, especialmente no período de 2010 a 2020. Em 2010, aproximadamente 38% da população estava vivendo com uma quantia inferior a US\$6,85 por dia. No entanto, essa porcentagem diminuiu significativamente em 2018, chegando a 31% da população. A taxa de incidência de pobreza multidimensional terminou em cerca de 33% no ano de 2020. Esses dados são indicativos essenciais da evolução das condições de vida da população mexicana ao longo desse período. A taxa, segundo o PNUD Brasil “elaborado pelo PNUD em conjunto a Oxford Poverty and Human Development Initiative (OPHI), representa um índice que tem por objetivo mensurar a pobreza no qual vai pesar elementos como saúde precária, educação insuficiente e baixo padrão de vida.” (PNUD BRASIL, 2022).

Gráfico 1: Taxa de incidência de pobreza em US\$6,85 por dia (2010 - 2020)



Nota: (WORLD BANK, 2023).³

Como pode ser observado, a taxa de pobreza multidimensional aborda vários elementos. Analisando a saúde da população, é interessante notar que, de acordo com

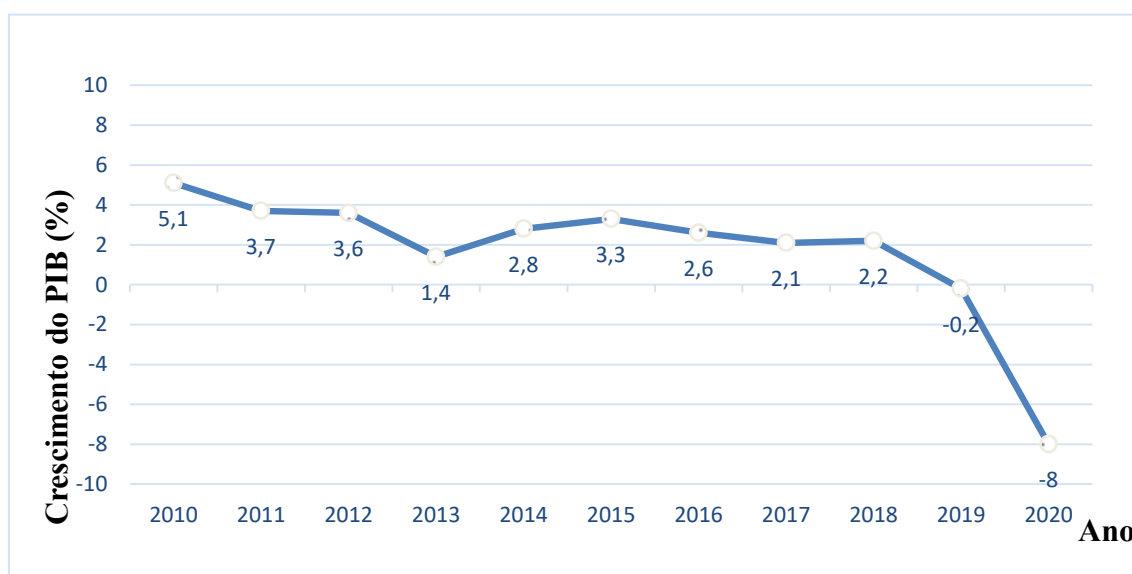
³ A análise não incluiu todos os anos devido à falta de dados disponíveis ou à presença de informações contraditórias em diferentes fontes, o que tornou a análise mais desafiadora.

dados da OECD, a expectativa de vida no México é de 75 anos, o que está cinco anos abaixo da média da OCDE. Além disso, de acordo com dados do World Bank, o México começou a década de 2010 investindo apenas cerca de 5,74% do seu PIB na saúde, aumentando para 6,24% em 2020. Em relação ao saneamento básico, em 2010, 15% da população não tinha acesso a saneamento básico e esse número diminuiu em 2020, com cerca de 92% da população tendo acesso a saneamento básico.

Quanto à educação, um ponto muito importante, é que, em 2010, apenas 53,1% dos mexicanos haviam concluído o equivalente ao Ensino Fundamental no Brasil. Esse número aumentou para 65,8% em 2020. No entanto, ainda é preocupante que mais de 30% da população mexicana não tenha concluído nem mesmo o ensino primário. Em resumo, esses dados destacam desafios significativos que o México enfrenta em relação à saúde, financiamento da saúde, saneamento básico e educação. Embora haja melhorias em algumas áreas, ainda há muito trabalho a ser feito para melhorar a qualidade de vida e o acesso a serviços essenciais para a população mexicana.

Considerando o Produto Interno Bruto, este constitui um dos instrumentos macroeconômicos mais eficientes para medir a prosperidade geral de determinada economia em um determinado período de tempo. Nesse caso, como está ilustrado no gráfico 2, o México apresentou algumas dificuldades econômicas no período 2010-2020.

Gráfico 2: Crescimento do PIB 2010 - 2020 (% anual) México



Nota: (WORLD BANK, 2023).

A instabilidade das taxas de crescimento do país pode ser explicada por conta da extrema dependência que o México tem de suas exportações (em especial as exportações de produtos manufaturados montados nas maquiladoras nacionais), de modo que qualquer alteração na demanda dos países que mais importam do México surte grande efeito para a economia nacional (CABRERA, 2010; GUILLÉN, 2012; JUAREZ; BRID, 2016). De toda maneira, a taxa média de crescimento anual do PIB mexicano, como apresentado no gráfico acima, no período 2010 a 2020 decresceu, visto que, em 2010, estava em 5,1%, caindo até o ano de 2013, chegando a 1,4%. A máxima ocorreu em 2015, 3,3%, mantendo um período de certa “estabilidade” até o ano de 2018 e caindo profundamente em 2019 e 2020, -8%.(WORLD BANK, 2022).

As chamadas maquiladoras, segundo Arrieta (USP), são empresas que vão realizar parte da manufatura, encaixe e empacotamento de bens, ou seja, voltadas para a transformação de mercadorias estrangeiras, tendo como objetivo a exportação para países como os Estados Unidos. Desta forma, as maquiladoras desempenham um papel crucial ao serem estrategicamente estabelecidas em países periféricos, permitindo que as transnacionais otimizem seus processos produtivos, reduzindo custos por meio do uso eficiente de mão de obra mais acessível, reforçando assim a competitividade global (ARRIETA, USP).

As taxas de crescimento relativamente baixas possibilitam compreender o porquê de o México apresentar um crescimento do PIB baixo durante todo o período. Em 2010, o PIB real do México (contabilizado em dólares a preços constantes de 2015) foi de US\$1,01 trilhões, chegando a crescer até o ano de 2018, com US\$1,26 trilhões e US\$1,15 trilhões em 2020. O baixo crescimento é percebido quando se observa que o PIB de 2020 foi somente 13,58% superior ao PIB de 2010. Assim, pode-se compreender que o crescimento econômico mexicano no período foi insuficiente para assegurar o desenvolvimento econômico ou promover a melhora da qualidade de vida da população em geral. Portanto, não basta um país crescer economicamente para se desenvolver; ou seja, crescimento econômico contínuo não necessariamente condiz a um bom desenvolvimento econômico.

Outro ponto importante é que a porcentagem do crescimento populacional ao longo dos anos estudados regrediu, exceto o ano de 2011. Por esse motivo, o PIB per capita praticamente não cresceu durante o período; por outro lado, as desigualdades se elevaram.

Esses desafios persistentes no cenário econômico do México ao longo das décadas não apenas moldaram o seu desenvolvimento, mas também lançaram luz sobre os obstáculos que a nação enfrentou em sua busca por um crescimento econômico. A compreensão das políticas econômicas adotadas pelo México ao longo do século XX é crucial para analisar o seu desempenho econômico e os dilemas que surgiram devido ao crescimento econômico limitado. Na próxima seção, será explorado com mais profundidade o contexto das políticas desenvolvimentistas mexicanas e as implicações que estas tiveram sobre o crescimento econômico; por fim, será abordado os desafios atuais que o México enfrenta em seu caminho, rumo a um desenvolvimento econômico mais robusto e equitativo.

2.1 O Desempenho Econômico do México e os Desafios do Baixo Crescimento.

O México adota e defende, durante grande parte do século XX, o processo desenvolvimentista pautado na substituição de importações, visando promover a industrialização do país. De acordo com Juárez e Brid (2016), as políticas desenvolvimentistas levadas a cabo por um Estado interventor e com ampla participação na economia perduraram por cerca de quatro décadas, de 1936 a 1981. O fim da política de substituições de importações ocorreu em 1981, quando: “los precios del petróleo se derrumbaron, a lo que se sumó una crisis en la balanza de pagos. Dado que la inestabilidad económica era total, al año siguiente tuvo que declararse una suspensión de pagos, situación que marcó el fin de una era”. (JUÁREZ; BRID, 2016, p. 275)

Devido à crise da balança de pagamentos e a necessidade de conseguir minimizar os enormes problemas originados pela crise da dívida, o México adotou políticas neoliberais em 1982. Como salientado por Guillén (2012):

La crisis de la deuda externa de 1982 señaló el fin del Modelo de Sustitución de Importaciones (MSI). La decisión de los acreedores externos de suspender el financiamiento voluntario y la rigidez de los programas de ajuste impuestos

por el Fondo Monetario Internacional (FMI) orillaron a los países latinoamericanos a proyectar sus economías hacia el exterior y a financiar el pago del servicio de la deuda mediante la obtención de superávit en la balanza comercial, lo que se tradujo en una drástica compresión de la capacidad de y de los niveles de inversión, consumo y empleo (Guillén, 2012, .58).

Desta maneira, devido à necessidade e as grandes pressões econômicas e políticas que ocorreram tanto no âmbito interno quanto no âmbito externo, desde 1982, o México adotou políticas econômicas pautadas por ideias neoliberais, tais como as recomendadas pelo Consenso de Washington.

De acordo com Juárez e Brid, abertura econômica e a adoção das medidas recomendadas pelo Consenso de Washington, foram responsáveis por criar enormes dificuldades no crescimento econômico mexicano, de modo que tornaram o baixo crescimento um problema estrutural (JUÁREZ; BRID, 2016). Guillén ressalta:

Desde 1983 se inició en México, como en otros países latinoamericanos el tránsito al Modelo Neoliberal (MN), un modelo de economía abierta, orientado hacia fuera, caracterizado por la conversión de la exportación de manufacturas en el eje del patrón de acumulación. De hecho, como la ha planteado la Cepal, el proceso de transición al nuevo modelo siguió dos rutas diferenciadas. Por un lado, los países de América del Sur, en los que se gestó una tendencia hacia la “reprimarización” de sus economías, y por el otro lado, México y los países centroamericanos y del Caribe, que se convirtieron en plataformas de exportación hacia Estados Unidos, mediante maquiladoras (Guillén, 2012, p.58).

Muito devido a abertura da economia (e a manutenção de uma moeda desvalorizada), as exportações mexicanas passaram a crescer de forma constante, de modo que, de acordo Guillén (2012), o México se tornou a principal “potência” exportadora da região, sendo que, grande parcela dos produtos exportados são manufaturados (muito devido a enorme importância das indústrias maquiladoras, que constituem um dos principais elementos da inserção do México nas cadeias globais de valor). Juárez e Brid (2016) também entendem que o dinamismo econômico do México é extremamente dependente dos setores manufatureiros, de modo que, o baixo desempenho da economia mexicana se deve ao baixo dinamismo deste setor. Os problemas econômicos do México se tornaram muito difíceis de serem superados

quando se observa no país a existência de uma “incapacidad para crear una industria nacional innovadora y con un fuerte componente científico-tecnológico” (JUÁREZ; BRID, 2016, p.276).

Desta forma, entende-se que o México, desde a abertura econômica e da adoção de políticas neoliberais, tem apresentado sérias dificuldades econômicas. Apesar de suas exportações terem se elevado de forma extrema, o setor manufatureiro e industrial vem perdendo dinamismo (tanto comparado a países da região latino-americana, quanto a países desenvolvidos), de forma a relegar ao país a simples função “maquilador” (função esta que exige a manutenção de uma moeda desvalorizada, sendo prejudicial o desenvolvimento dos setores industriais internos, visto que a capacidade de importar bens de produção diminui de forma extrema).

Enquanto Juárez e Brid (2016) reconhecem a necessidade de que se apliquem políticas um pouco mais protecionistas para elevar o dinamismo das empresas manufatureiras, da qual o crescimento econômico mexicano tanto depende, Cabrera (2010) e Guillén (2012) compreendem que as políticas neoliberais adotadas levaram o México a ter resultados econômicos pífios desde a década de 1990. (CABRERA, 2010.)

Juárez e Brid (2016) agrupam contribuições de diversos autores que versam sobre as causas do baixo crescimento econômico do México:

“Entre otros autores, Perrotini (2004) considera que el problema se asocia con una inversión productiva insuficiente. Martínez, Tornell y Westermann (2004) asumen que la falla ha sido la ausencia de reformas estructurales y la escasez de crédito. Ros (2008) indica que el problema es una baja tasa de inversión, y cuatro factores la limitan: la reducida inversión pública, un tipo de cambio real apreciado desde 1990, el desmantelamiento de la política industrial durante el periodo de reforma y la falta de financiación bancaria. Por otra parte, Hanson (2010) considera que el bajo crecimiento económico es resultado de la existencia de mercados de crédito que funcionan pobremente, la distorsión en la oferta de insumos no comerciables en el ámbito internacional e incentivos a la informalidad. Kehoe y Ruhl (2011) consideran que el bajo crecimiento de México puede superarse estableciendo reformas que fomenten la competitividad en la economía, promuevan el Estado de derecho, eliminen las rigideces del mercado laboral y creen un eficiente sistema financiero. En línea con el presente artículo, Sánchez (2011, 2012) y Cruz (2014) coinciden en señalar que el problema del bajo crecimiento económico en México obedece a la ausencia de dinámica en el sector manufatureiro; incluso el último autor

presenta evidencia de un proceso de desindustrialización prematura.” (JUÁREZ & BRID, 2016, p. 280).

Como descrito acima, o baixo crescimento econômico do México pode ser atribuído a um conjunto de fatores, já que diversos autores e estudiosos da área apontam diferentes respostas a esta ocorrência, desde fatores como o baixo investimento produtivo, até a falta de reformas estruturais (JUÁREZ & BRID).

Além de todos os motivos que foram abordados sobre o baixo crescimento econômico do país latino-americano, é importante ressaltar que, ao analisar a dinâmica com que este e os Estados Unidos promoveram suas importações e exportações, pode-se constatar um cenário de dependência, visto que mais da metade dos bens exportados do México tem como destino o solo estadunidense, não distante das importações do país latino-americano, cujo a maioria dos produtos tem como origem os Estados Unidos.

Guillén (2012), descreve que desde a década de 1980 o México e América Central se transformaram em bases de exportação para os Estados Unidos por meio das maquiladoras, evidenciando que essa aproximação com o país norte-americano não é favorável para a mesma já que está servindo apenas como campo para o fomento da economia estadunidense.

Com base nos dados retirados de 2020 do Observatory of Economic Complexity (OEC), mais de 75% de produtos mexicanos foram exportados só para os Estados Unidos, seguido do Canadá, com cerca de 3,78%; e, 53% de produtos importados pelo México tiveram origem no vizinho norte-americano, seguido da China com 16,2%.

Por fim, a análise do cenário econômico do México revelou uma série de desafios, incluindo o baixo crescimento econômico e a dependência significativa dos Estados Unidos no que diz respeito ao destino e a saída das importações e exportações. Como discutido anteriormente, essa relação estreita com os Estados Unidos levantou questões sobre a independência econômica do México e seu papel como facilitador do crescimento econômico do país vizinho.

2.2 Análise de Economias Seleccionadas (México, Brasil, Estados Unidos) com Base no Coeficiente de GINI durante o Período 2010-2020.

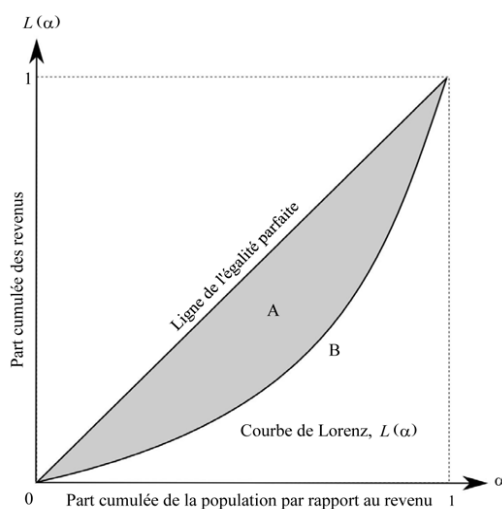
A presente seção analisa o México, Brasil e os Estados Unidos, dando destaque ao México sob a perspectiva do coeficiente de GINI. O Índice de GINI foi criado na década de 1910 pelo estatístico Corrado Gini, sendo este um dos mais importantes índices utilizados para estudar diferenças socioeconômicas.

Segundo o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), o índice de GINI basicamente se constitui entre os números 0 e 1, sendo 0 o ideal, já que se refere a “igualdade de renda”, ou seja, neste cenário as rendas dos indivíduos são iguais; e, o número 1 tem um significado contrário, sendo este atribuído em cenários de desnivelamento, ou seja, quando a renda está apenas para uma pessoa, exemplificando um ambiente de profunda desigualdade (IPECE, 2015).

É de grande relevância tratar sobre desigualdades, já que, ao elucidar sobre as economias, sempre é enfatizado o valor do PIB ou outros atributos que o país possui. No entanto, a população pode estar sofrendo com as desigualdades, na qual faltam os meios necessários para que possam viver bem.

Para entender melhor, continuar-se-á com a explicação do IPECE, no qual elucidada que o índice de GINI foi fundamentado na Curva de Lorenz, que, por sua vez é: “Trata-se de um gráfico que ilustra como a proporção acumulada da renda (φ) se altera em relação à proporção acumulada da população (ρ), quando os indivíduos estão dispostos em ordem crescente de renda.” (IPECE).

Figura 1: Índice de GINI e curva de Lorenz



Nota: (Observatoire Québécois des Inégalités, 2021).

Convém ressaltar que o cálculo do índice não é de suma importância para o presente trabalho; contudo, é válido apontar que quanto mais próximo de 1, maior é a desigualdade da população do país estudado. Ainda, é preciso cuidado ao utilizar o índice de GINI para realizar comparações entre países de diferentes tamanhos, visto que, segundo o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará, (2015), o índice possui tanto vantagens quanto desvantagens e, portanto, deve ser utilizado com cautela (IPECE, 2015).

As vantagens:

“(…) é que ele é uma medida de desigualdade calculada por meio de uma análise de razão, ao invés de uma variável representativa da maioria da população, tais como renda per capita ou do produto interno bruto. Ele pode ser usado também para comparar as distribuições de renda entre diferentes setores da população, tais como as zonas urbanas e rurais. É um índice suficientemente simples e facilmente interpretado, especialmente quando comparações são feitas entre países. Por ser simples, ele permite também uma comparação da desigualdade entre economias através do tempo.” (IPECE, 2015, p.7).

Visto tais vantagens, o coeficiente de GINI também possui algumas desvantagens sendo elas:

“(…) é que ele mede a desigualdade de renda, mas não a desigualdade de oportunidades. Por exemplo, alguns países podem ter uma estrutura de classes sociais que apresentam barreiras à mobilidade ascendente, o que não se reflete em seus coeficientes de GINI. Outro problema com esse índice é que ele pode medir coisas diferentes. Por exemplo, se dois países têm o mesmo coeficiente de GINI, mas um é pobre e o outro é rico, então, no caso do primeiro ele estaria medindo a desigualdade na qualidade de vida material, enquanto que no segundo a distribuição do luxo além das necessidades básicas. Outra questão é que a curva de Lorenz, utilizada para o cálculo do Índice de GINI, pode subestimar o valor real da desigualdade se as famílias mais ricas são capazes de usar a renda de forma mais eficiente do que as famílias de baixa renda, ou vice-versa.” (IPECE, 2015, p.7).

Posto isto, é importante salientar que a Curva de Lorenz tem diferentes formas e ela ainda assim pode “produzir o mesmo coeficiente”, no qual explica o fato de muitos países terem rendimentos econômicos quase iguais, ou até mesmo coeficientes de GINI parecidos, mas uma distribuição de renda bastante variada. Seguindo a linha de explicação do IPECE, por exemplo, atribuir duas sociedades com o mesmo coeficiente,

sendo ele 0,5; no entanto, em uma delas 2/3 da população vão ter 1/3 da renda dividido em partes iguais para cada, sendo a outra parte da população, ou seja, o 1/3 que falta vão ter o restante da renda dividido em partes iguais (IPECE, 2015).

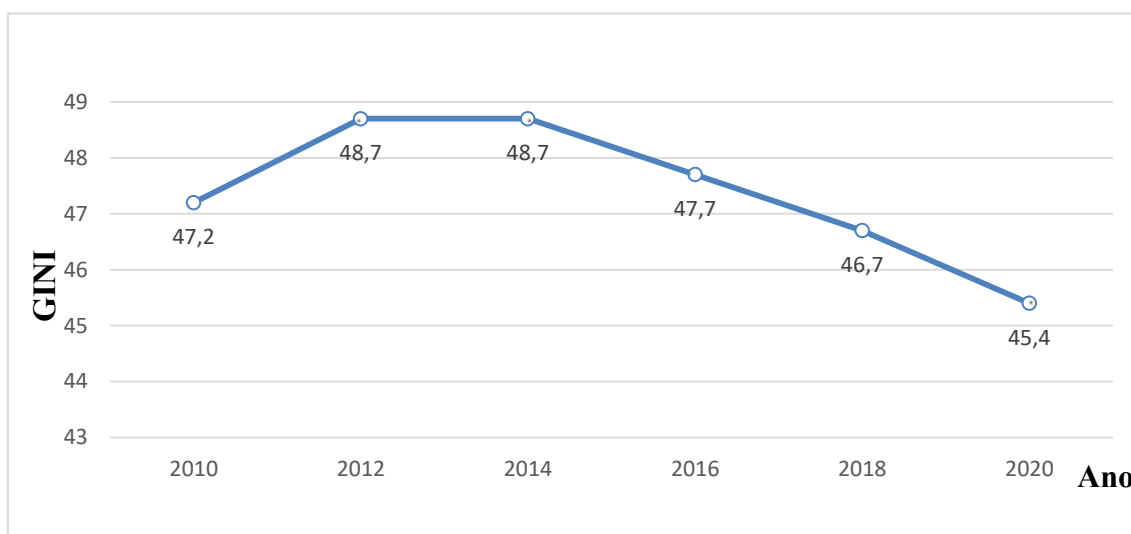
Mesmo com suas vantagens, é preciso ter cuidado com a forma com que o índice vai ser utilizado, já que o mesmo muitas das vezes é estudado sem ter as devidas proporções e o contexto das informações levadas em consideração.

Uma vez que o coeficiente de GINI atua na “estimativa da igualdade em um recorte do tempo” como afirma o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (2015), o mesmo não leva em consideração o que por ventura acontece no decorrer da vida da população, ou seja, o que acontece com uma pessoa durante toda a sua vida. Assim, a distribuição, por exemplo, segundo o IPECE, pode ser influenciada pela quantidade da população jovem em relação à população mais velha. No entanto: “A variação na faixa etária dentro de uma população, assim como a mobilidade entre classes de renda, pode criar a ilusão de igualdade, mesmo quando ela não é verdadeira.” (IPECE, 2015).

Por fim, é certo que o coeficiente de GINI de um país em questão, pode, por algum período, ser maior que outro; porém, se em conjunto calcular a renda da população durante o “ciclo de vida”, este pode se apresentar menor. Desta forma, é importante ressaltar que o conjunto da distribuição de renda ao longo do tempo é mais importante que apenas a desigualdade em um determinado ano (IPECE, 2015).

Conforme os dados do *World Bank* (2020) e com base no Gráfico 3, em uma escala de 0 a 100, o índice de GINI do México permaneceu no patamar 40, iniciando o ano de 2010 com 47,2; aumentou significativamente em 2012 para 48,7 e permaneceu em 2014; porém, caiu gradativamente até o ano de 2020. O índice de GINI de 2016 foi de 47,7; 46,7 no ano de 2018 e 45,4 em 2020.

Gráfico 3: Índice de GINI México



Nota: (World Bank, 2023).⁴

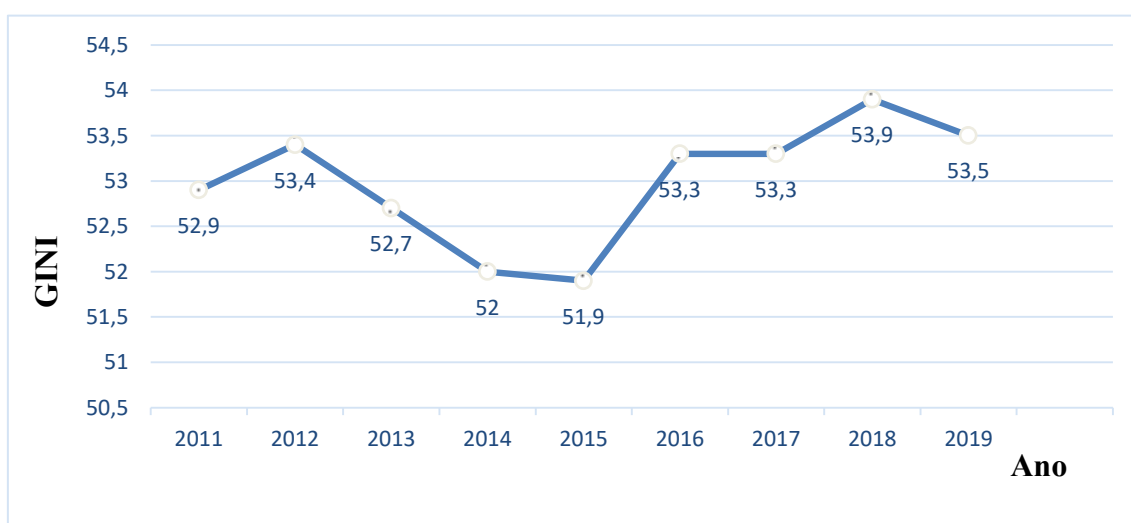
De fato, o resultado do índice de GINI do México aponta que o mesmo ainda está longe da igualdade ideal, mesmo com sua queda desde o ano de 2014; há muito que se fazer se comparado a outros países do mundo com índices substancialmente menores, ou seja, mais próximos da “igualdade de renda”. Em uma sociedade, a corrupção se torna menos perceptível quando a desigualdade é maior, o investimento do governo para com as pessoas é menor assim como a expectativa de vida da população em geral. Da mesma forma que é importante que uma economia em ascendência possua uma boa qualidade de vida e um ambiente mais igual, é também importante que a população seja compensada conforme seus próprios empenhos. No âmbito socioeconômico, as políticas públicas são muito importantes, já que visam conter as desigualdades sociais de um país. (IMCO, 2022).

Conforme a *Organisation for Economic Co-operation and Development* (OECD, 2022), o México obteve certa melhoria no que diz respeito ao bem estar da população em geral, o que é notável no índice de GINI apresentado anteriormente; no entanto, mesmo com tal progressão ainda está longe do ideal se comparado com outros países que portam melhores índices, deixando-o abaixo da média em relação aos outros em diversas áreas como saúde e educação.

⁴ A análise não incluiu todos os anos devido à falta de dados disponíveis ou à presença de informações contraditórias em diferentes fontes, o que tornou a análise mais desafiadora.

No tocante ao índice de GINI do Brasil, conforme Gráfico 4 diferente do índice mexicano, em grande parte dos anos estudados ele se manteve em 50, mostrando que o México apresentou melhores resultados que o Brasil. Em 2011, o índice ficou em 52,9, e caiu em 2015, alcançando 51,9; nos anos seguintes aumentou até o ano de 2018 com 53,9, ou seja, o pior ano até então; posteriormente, houve queda, resultando em 53,5 ano de 2019. É interessante observar que mesmo o Brasil tendo um PIB maior que o México, sendo considerado um dos países mais importantes da América do Sul, é mais desigual que o México.

Gráfico 4: Índice de GINI Brasil



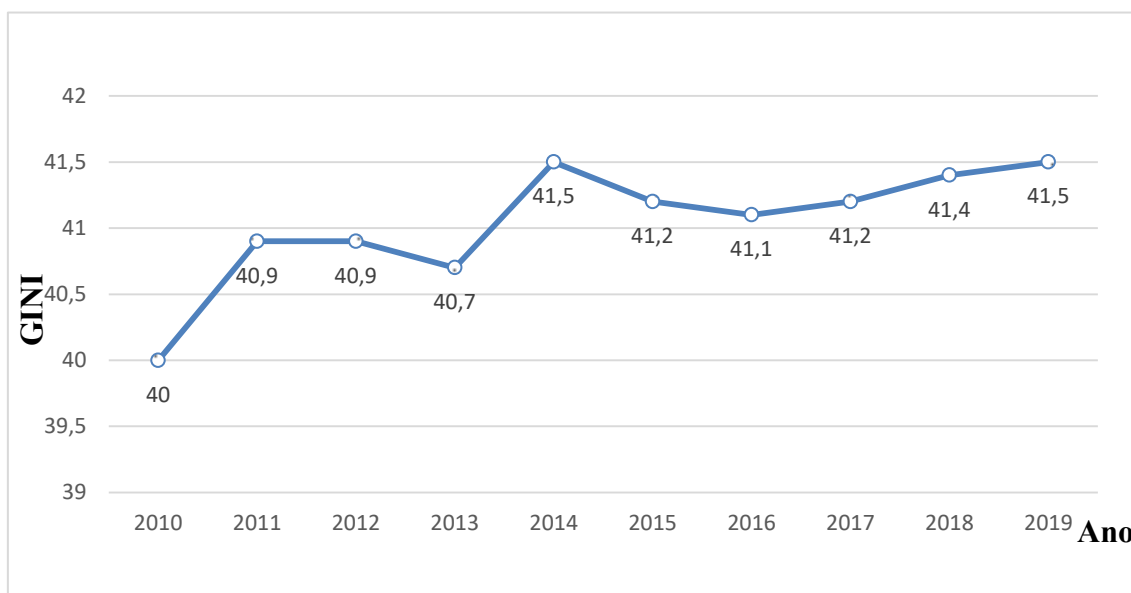
Nota: *World Bank* (2023).

Após a década de 2000, o Brasil apresentou grandes expectativas futuras, visto que houveram avanços nas questões que envolvem as desigualdades. Contudo, por razões como diversos eventos políticos e econômicos que aconteceram durante a década, como recessão, um impeachment, o resultado não foi melhor (DADOS, 2020).

O índice de GINI dos Estados Unidos é o melhor dentre os três países apresentados, mas, se levado em consideração o tamanho do seu PIB e da existência de países com menos recursos, mas que têm menos desigualdades em seu território, o índice dos Estados Unidos não é muito expressivo como exemplificado abaixo no Gráfico 4. Em síntese, de 2010 a 2014, houve um aumento considerável, chegando ao seu auge de 41, 5. Segundo a Forbes (2019), os Estados Unidos é o país que possui o maior número de milionários do mundo, e que, de 2018 a 2019 este número cresceu em mais de 670 mil pessoas; no entanto, é interessante observar a desproporção que se

seguiu, visto que, 1% da população mais rica do país norte-americano possui mais recursos que cerca de 50% dos mais pobres se somados todos juntos, ou seja, em teoria, pode ser um dos países mais desiguais do mundo, mesmo sendo considerado rico.

Gráfico 4: Índice de GINI Estados Unidos



Nota: *World Bank* (2023).

Além das complexidades da desigualdade nos Estados Unidos, é importante observar como a política econômica e a identidade de um país podem influenciar seu posicionamento na América Latina. No caso do México, que compartilha muitos traços culturais com outros países da região, sua história econômica e política o levaram a uma aproximação notável com os Estados Unidos, diferenciando-se de seus vizinhos latino-americanos. Desta forma, é importante explorar como o México construiu sua identidade se distinguindo do restante dos países latino-americanos e sua relação única com os Estados Unidos, especialmente durante a adoção das políticas neoliberais na década de 1980, conforme discutido por Naddi (2015).

3. As Relações do México na América Latina (Brasil) e EUA

Ao decorrer da história do México e dos presidentes que passaram, sempre foi feito uma manifestação de identificação do mesmo com a América-latina, levando em consideração sua história e sua cultura. Todavia, mesmo que compartilhando muitos traços culturais, cada país obteve suas próprias particularidades culturais, sociais e

econômicas, como o México, por exemplo, que apresentou uma grande aproximação com os Estados Unidos.

Com os eventos da década de 1980 e a adoção das políticas neoliberais por parte do México, Naddi (2015) afirma que, alguns países latino-americanos como o Brasil, a Argentina e a Venezuela, acabaram por incorporar “um modelo de Estado logístico” na qual segundo a autora, “consiste numa forma de posicionar-se de maneira estratégica no cenário internacional, fazendo-se uso de parcerias regionais e com outros Estados subdesenvolvidos ou em desenvolvimento (Cooperação Sul-Sul)” (Naddi, 2015).

Conforme Nora Lusting (2012), no livro *Los Grandes Problemas del México*, nos anos 1980, algumas reformas estruturais foram feitas no país levando em consideração a tentativa de sair da crise econômica que o mesmo estava inserido, o conduzindo de uma instabilidade para uma estagnação econômica. No entanto, essas reformas estruturais que o México buscou fazer teve o neoliberalismo como principal influência, sendo bastante defendido pelos Estados Unidos. Nesse sentido, conforme a pesquisadora Beatriz Walid de Magalhães Naddi (2015), o México, ao optar por se alinhar aos Estados Unidos dando preferência às relações com o mesmo, seguia um rumo diferente do adotado pelos demais países latino-americanos, mesmo que tenha adotado alguns acordos e tratados como esses.

Em relação ao Brasil, suas relações com o México, diferente do que ocorre com os Estados Unidos, nunca foram satisfatórias, visto as diferentes políticas que ambos os países adotaram. Partindo da crise da dívida na década de 1980 e da adoção das políticas neoliberais nos anos 1990, alguns países do continente sul-americano como o Brasil, decidiram cooperar entre si e com outros Estados em desenvolvimento, promovendo a Cooperação Sul-Sul.

Segundo Naddi (2015), em direção oposta do modelo adotado por alguns dos grandes países latino-americanos, o México continua a defender as políticas neoliberais embasadas pelos Estados Unidos, buscando sempre estreitar suas relações com o país norte-americano desde a década de 1980.

A aproximação do México com os Estados Unidos, mesmo que venha ocorrendo há muito tempo, teve como base a criação do Tratado de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA) na primeira metade da década de 1990, que acabou por

institucionalizar as relações de ambos os países mesmo que de forma desigual (Naddi, 2015). No século XXI, a criação do Plan Nacional del Desarrollo, 2001-2006, reafirmou o alinhamento do México com os Estados Unidos e seu neoliberalismo, visando privilegiar as relações com o país norte-americano como resposta a uma possível porta de entrada para os foros multilaterais (TERRA, 2016).

Conforme Naddi (2015), essa aproximação do México com o neoliberalismo pode ocorrer também pela contraposição do mesmo ao Brasil, que é um grande influenciador na América do Sul (Naddi, 2015). Dado essa influência do Brasil na América do Sul e do México na América Central, Maya e Vega (2014), os definem como Estados-ponte em razão da grande influência regional destes. Dessa forma, muito desse distanciamento das duas nações pode ser entendida por uma contraposição, visto as zonas de influência dos dois países.

Além disso, é entendido que mesmo trilhando posicionamentos diferentes que os vizinhos latino-americanos, o motivo pelo qual este continua manifestando sua identificação latino-americana, é promover a legitimidade do seu próprio governo, ponto este muito importante, visto a enorme influência que os Estados Unidos tem sobre o seu vizinho, que ocorreu gradativamente ao mesmo passo que aumentava seu poder e importância no sistema internacional (Naddi, 2015).

3.1. Brasil e México no Século XXI.

Tanto no campo político quanto econômico as relações bilaterais do Brasil e México nunca foram de grandes expressões. No entanto, conforme Ávila (2008), o século XXI foi um momento importante para a mudança de cenário. O ponto alto das relações bilaterais do Brasil e do México foi no âmbito político, precisamente no ano de 2007, onde foi celebrado a visita do então presidente Lula ao México, que culminou no encontro com o ex-presidente mexicano Felipe Calderón Hija. No mesmo ano foi concebida a “La Comisión Binacional México-Brasil” com objetivo de engajar as relações no âmbito bilateral. Dentro da comissão a agenda política foi atualizada, na qual incluía “A preservação e fortalecimento da democracia”, “A promoção e proteção dos Direitos Humanos” entre outros (ÁVILA, 2008).

No plano econômico, foi tido um aumento considerável no comércio dos dois países, com o destaque das exportações do Brasil para o México de bens de média e alta

tecnologia, sendo estes do setor automotivo e aeronáutico. Já nas importações brasileiras provenientes do México, se destaca o petróleo. Como demonstrado por Ávila (2008), as relações comerciais existentes entre os dois Estados são extremamente benéficas para vários setores nacionais dos dois países. De acordo com Ávila:

En la pauta de las exportaciones brasileñas para el mercado mexicano sobresalen bienes de mediana y alta tecnología, sobretudo de los sectores automotriz (y aéreo), químico, plásticos, electroelectrónicos, metalmecánica, material médico-quirúrgico, maquinaria agropecuaria, fertilizantes, material de escritorio, juguetes, y papel. Alimentos, particularmente soya, así como ciertas semillas, maderas y aceites, también forman parte de las exportaciones brasileñas con destino al mercado mexicano. Se trata, en general, de bienes de capital y de consumo duradero, de buena calidad y con precios competitivos. Cabe mencionar que en su esfuerzo por penetrar y consolidarse en el mercado mexicano los exportadores brasileños gozan del eficiente apoyo de la Agência de Promoção e Investimentos (APEX-Brasil). Las importaciones brasileñas procedentes de México incluyen petróleo y derivados, productos de media y alta tecnología (especialmente informática), automóviles y repuestos, entre muchos otros (ÁVILA, 2008, p. 24).

Conforme o *Observatory of Economic Complexity (OEC)*, do ano de 2020 o Brasil importa uma diversidade de produtos do México, destacando-se carros (9%), soja (7,27%), motores de ignição (6,08%), milho (5,32%) e caminhões de entrega (4,38%). Esses itens representam uma parte significativa das importações brasileiras do México, abrangendo desde veículos até produtos agrícolas e maquinaria. Nas exportações do México para o Brasil, com o foco em maquinaria e transporte, os principais produtos incluem veículos motorizados, peças e acessórios (15,6%), carros (7,92%), motores de ignição por faísca (3,53%) e equipamentos de transmissão (2,71%).

É perceptível que o entrave para um aumento nas relações do México com outros países, como o Brasil, é o forte laço com os Estados Unidos. Um exemplo disso pode ser visto na criação do *Plan Nacional del Desarrollo, 2001-2006*, em que um dos objetivos foi a reiteração dos vínculos do México para com o país norte-americano e sua política neoliberal, o que privilegiaria as relações com os EUA tendo em vista uma possível porta de entrada para os foros multilaterais (Terra, 2016, pg.84).

No entanto, mesmo com tantas barreiras que acabaram por desmotivar a aproximação do México com o Brasil, de acordo com Guillén (2012), como a moeda mexicana permanece desvalorizada (devido a necessidade de exportar bens manufaturados para países desenvolvidos), comercializar com países do sul global, como o Brasil, cujas moedas não são fortes (e que apresentam taxas de câmbio mais favoráveis para o peso mexicano) podem auxiliar no desenvolvimento econômico do país, principalmente pela maior capacidade de absorção de novas tecnologias e bens de capital à preços acessíveis, já que, segundo o autor: “Cuando la moneda se sobrevalúa, el crecimiento económico se desacelera, y a la inversa, cuando la sobrevaluación se reduce o la moneda se subvalúa, se estimula el crecimiento” (GUILLÉN, PÁG. 8., 2012).

3.2. México e Estados Unidos.

Como já descrito no presente trabalho, os Estados Unidos é o país com quem o México detém uma maior aproximação, já que serve de campo para a indústria estadunidense, tendo o país norte-americano o seu maior parceiro comercial, tanto no destino quanto na saída do volume das importações e exportações.

Conforme Terra (2016), desde a década de 1990, o México adotou o ideário neoliberal, assim como já foi descrito anteriormente, o que aproximou ainda mais ambos os países, de modo que o México adota não só a forma de tratar a sua economia, mas a forma com que vão se guiar politicamente. Assim, tais mudanças podem ser vistas já no governo de Carlos Salinas (1988 – 1994), cuja política externa dava destaque ao campo econômico, sendo o Tratado de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA) o ponto mais alto de tais mudanças no ano de 1994 (Terra, 2016).

No escopo comercial, a entrada do México ao NAFTA fez com que seus setores econômicos entrassem em uma situação de subordinação, já que os mesmos iriam atender às demandas dos Estados Unidos em grande parte. Desta forma, como indicado pelo *Observatory of Economic Complexity* (2020), as importações do México em sua maioria são de carros, peças de veículos automotores, caminhões e petróleo, somando aproximadamente US\$141 bilhões. Já a exportação só para os Estados Unidos compõe cerca de US\$326 bilhões; importante destacar o quão desproporcional é este número, pois o Canadá é o segundo destino das exportações mexicanas, somando apenas US\$16,1 bilhões em 2020. De modo mais amplo, com base nos dados do *Observatory*

of Economic Complexity (OEC), No comércio entre México e Estados Unidos, há uma variedade extensa de produtos sendo trocados. Os EUA importam circuitos integrados (4,65%), petróleo refinado (8,53%), gás de petróleo (3,16%) e veículos motorizados, peças e acessórios (6,31%) do México. Esses itens representam uma parte substancial das importações norte-americanas do México, abrangendo desde componentes eletrônicos até produtos energéticos e automotivos. Por fim, o México é um importante exportador de produtos tecnológicos e de transporte para os EUA. Computadores representam 8,73% das exportações, seguidos por carros (8,92%). Veículos motorizados, peças e acessórios também têm um papel significativo, contribuindo com 7,01%. Além disso, o México exporta uma quantidade substancial de caminhões de entrega (6,7%) e telefones (2,49%). Esses produtos, principalmente relacionados à tecnologia e transporte, compõem uma parte substancial das exportações mexicanas para os Estados Unidos.

Assim, do total de US\$427 bilhões de exportações do México, 76,4% foram apenas para os Estados Unidos, tendo cerca de 33% do total de exportações apenas para 5 tipos de produtos. No que tange às importações, a dinâmica continua a mesma, em porcentagens diferentes, mas é notória a maior parte dos produtos vindos do mercado estadunidense com pouca diversificação dos produtos.

Além das complexidades das relações comerciais entre México e Estados Unidos, torna-se evidente a dependência significativa do México em relação à economia dos Estados Unidos (sendo esta relação de proximidade econômica, que tem se intensificado desde a década de 1990). No entanto, essa dependência tem gerado desafios significativos, incluindo uma falta de diversificação nos setores econômicos mexicanos, que se tornaram subordinados às demandas dos Estados Unidos. Desta maneira, na próxima será apresentado como uma possível aproximação com o Brasil e outros países em desenvolvimento pode oferecer benefícios tanto para o México quanto para o Brasil. Essa abordagem pode ajudar a reduzir a dependência excessiva do México aos Estados Unidos e contribuir para a expansão de diversos setores econômicos em ambos os países.

3.3. A Dependência Mexicana.

Como foi visto, tanto em razão do destino e origem das exportações e importações dos produtos mexicanos, quanto das políticas que o mesmo adotou ao

longo dos anos, fizeram com que ele servisse de campo para o fomento da economia estadunidense. Assim, uma aproximação com o Brasil, ou com outros países em desenvolvimento, pode ser benéfica tanto para o México quanto para o Brasil, fazendo com que a dependência com os Estados Unidos diminua, e ajudando a expandir diversos setores nacionais através da diversificação de seus produtos.

É importante pontuar que, como foi visto, a indústria mexicana não é diversificada, porém, como pode ser observado na dinâmica das exportações do Brasil para o México, segundo Ávila (2008): destaca-se “*sobresalen bienes de mediana y alta tecnología, sobretudo de los sectores automotriz (y aéreo), químico, plásticos, electroelectrónicos, metalmecánica, material médico-quirúrgico, maquinaria agropecuaria, fertilizantes, material de escritorio, juguetes, y papel.*” (ÁVILA, 2008, p. 24); ainda, *commodities* como a soja, entre outros, segundo o autor, também compõe a lista de bens que o Brasil exporta para o México, ou seja, “bens de capital e bens de consumo durável”; já no que tange às importações brasileiras originárias do México, o autor afirma que: “*incluyen petróleo y derivados, productos de media y alta tecnología (especialmente informática), automóviles y repuestos, entre muchos otros.*” (ÁVILA, 2008, p. 24); Ou seja, aumentar o comércio com o Brasil de fato poderia ajudar na diversificação da indústria mexicana, fazendo com que a mesma não dependa da produção e da comercialização de alguns tipos de bens.

Fatores como a falta de diversificação dos produtos mexicanos colaboraram muito para o atual quadro, visto o insucesso das tentativas de tornar o produto mais diversificado, contemplando acelerar e expandir o comércio ao restante da América Latina e Europa. Assim Terra (2016) afirma que:

“Contudo, a fragilidade da pretensão de diversificação das exportações emergiu rapidamente. Como aponta Sandoval (2008), a estratégia de diversificação permaneceu no plano discursivo, uma vez que na prática não se estabeleceram os meios para alcançá-la. Além disso, nessa época as exportações mexicanas para os Estados Unidos compunham cerca de 90% do total da pauta de exportações do México. Na falta de uma estratégia consistente em prol de reverter essa dependência, as trocas comerciais com a América Latina permaneceram com percentuais simbólicos. Dessa forma, apesar da intenção de fortalecer o diálogo, da coordenação política e do intercâmbio cultural e comercial, assistiu-se efetivamente apenas à continuidade da liberalização comercial (BERNAL-MEZA, 2007), em compasso com a

integração econômica concretizada com os Estados Unidos e Canadá – o NAFTA (MUÑOZ, 2003).” (TERRA, 2016, p. 87).

Desta maneira, fica perceptível que o México além de estar subordinado aos Estados Unidos, já que é seu principal parceiro comercial, não consegue nem diversificar sua economia e nem tampouco melhorar os resultados relativos aos índices que captam a qualidade de vida do país.

4. Conclusão

A análise revela que a política econômica do México esteve alinhada com os princípios do Consenso de Washington. Além de adotar políticas neoliberais, a economia mexicana esteve profundamente vinculada e dependente da dinâmica econômica dos Estados Unidos devido às regras de livre comércio estabelecidas pelo NAFTA.

Apesar de apresentar um PIB significativo e contar com os Estados Unidos como seu principal parceiro comercial, esses fatores não trouxeram resultados positivos para o desenvolvimento socioeconômico do México, que ainda enfrenta níveis significativos de desigualdade, conforme indicado pelo índice de GINI. A extrema dependência das exportações e a necessidade de diversificar as relações comerciais, diminuindo a importância relativa dos Estados Unidos, destacam a importância do comércio com países do Sul Global para o desenvolvimento do México. Com certeza, caso haja esse comércio, este tenderá a proporcionar uma alta demanda por produtos dos diferentes setores mexicanos, mesmo que o país tenha desafios significativos impostos pelo NAFTA.

Portanto, as relações comerciais entre México e Brasil tendem a desempenhar um papel crucial para ambos os países. O setor econômico mexicano pode vender seus produtos com maior segurança e a preços mais competitivos no mercado brasileiro devido à forte desvalorização do peso mexicano. Além disso, o México tem a oportunidade de adquirir tecnologia e bens de produção, contribuindo para seu desenvolvimento e refletindo na qualidade de vida da população.

Referências:

ÀVILA, C. F. D. **Brasil y México:** continuidad y cambio en las relaciones bilaterales durante los primeros años del siglo XXI. *Carta Internacional*, p. 23-30, jun./2008.

BATISTA, Paulo Nogueira. **O consenso de Washington: a visão neoliberal dos problemas latino-americanos.** São Paulo: s.n. 1994.

CABRERA, Abraham Aparicio. **Economía Mexicana 1910-2010: Balance de un Siglo.** Espacio Común de Educación Superior y Facultad de Economía de la Universidad Nacional Autónoma de México, Cidade do México- DF, 2010.

CARVALHO, A. V. D. **Crescimento econômico, desenvolvimento socioeconômico e dotação de recursos naturais versus armadilha da pobreza: Evidências para Amazônia legal nas últimas duas décadas (1992-2014).**Santarém / Pará, dez./2018.

DADOS. **Desigualdade de renda no Brasil de 2012 a 2019.** Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/desigualdade-brasil/>. Acesso em: 30 abr. 2023.

FORBES. **10 países com mais milionários em 2019.** Disponível em: <https://forbes.com.br/listas/2019/10/10-paises-com-mais-milionarios-em-2019/>. Acesso em: 2 mai. 2023.

FORBES. **Nos EUA, 1% mais rico tem mais capital do que os 50% mais pobres juntos.** Disponível em: <https://forbes.com.br/principal/2020/10/nos-eua-1-mais-rico-tem-mais-capital-do-que-os-50-mais-pobres-juntos/>. Acesso em: 2 mai. 2023.

GUILLEN, Arturo. **México, ejemplo de las políticas anti-desarrollo del Consenso de Washington.** Estud. av., São Paulo , v. 26, n. 75, p. 57-76, Agosto. 2012 .

IBGE. **Brasil.** Disponível em: <https://paises.ibge.gov.br/#/dados/brasil>. Acesso em: 12 jan. 2023.

IBGE. **Canadá.** Disponível em: <https://paises.ibge.gov.br/#/dados/canada>. Acesso em: 23 ago. 2023.

IBGE. **México.** Disponível em: <https://paises.ibge.gov.br/#/dados/mexico>. Acesso em: 12 jan. 2023.

IPECE. **Entendendo o Índice de GINI.** Disponível em: <https://www.ipece.ce.gov.br/wp->

content/uploads/sites/45/2015/02/Entendiendo_Indice_GINI.pdf. Acesso em: 20 abr. 2023.

JUARÉZ, Isaac Leobardo; BRID, Juan Carlos. **El reto del crecimiento económico en México:** industrias manufactureras y política industrial. *Revista Finanzas y Política Económica*, vol. 8, no. 2, 2016, pp.271-299. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323547319004>. Acesso em 12 mar. 2023.

LUSTIG, Nora; SABIDO, Alejandro Castañeda; NAUDE, Antonio Yúnez. **Los grandes problemas de México: Edición abreviada.** 1. ed. México, D.F: EL COLEGIO DE MÉXICO, 2012. p. 1-147.

MAYA, J. C. G; VEGA, J. L. L. **La relación política y económica Brasil-México:** encuentros, desencuentros y el nuevo papel de China en la región. *Miríada*, México, v. 7, n. 11, p. 65-89, 2015.

NADDI, B. W. D. M. **O MÉXICO NA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA.** *Repositório Institucional da UNILA*, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 265-280, 2015.

OBSERVATOIRE QUÉBÉCOIS DES INÉGALITÉS. **LE LEXIQUE DES INÉGALITÉS : L'INDICE DE GINI.** Disponível em: <https://www.observatoiredesinegalites.com/fr/blogue/le-lexique-des-inegalites-l-indice-de-gini>. Acesso em: 25 mai. 2023.

OECD. **MEX.** Disponível em:

<https://oec.world/en/profile/country/mex?tradeScaleSelector1=tradeScale0&yearlyTradeFlowSelector=flow0>. Acesso em: 15 jan. 2023.

OECD. **What does Mexico export? (2020).** Disponível em: https://oec.world/en/visualize/tree_map/hs92/export/mex/all/show/2020/. Acesso em: 15 jan. 2023.

OECD. **What does Mexico import? (2020).** Disponível em: https://oec.world/en/visualize/tree_map/hs92/import/mex/all/show/2020/. Acesso em: 16 jan. 2023.

OECD. **Where does Mexico export to? (2020)**. Disponível em: https://oec.world/en/visualize/tree_map/hs92/export/mex/show/all/2020/. Acesso em: 16 jan. 2023.

OECD. **Where does Mexico export to? (2020)**. Disponível em: https://oec.world/en/visualize/tree_map/hs92/import/mex/show/all/2020/. Acesso em: 16 jan. 2023.

OECD BETTER LIFE INDEX. **México**. Disponível em: <https://www.oecdbetterlifeindex.org/pt/paises/mexico-#:~:text=Com%20rela%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20sa%C3%BAde%2C%20a,73%20anos%20para%20os%20homens..> Acesso em: 8 ago. 2023.

PNUD BRASIL. **Índice de Pobreza revela grandes desigualdades entre grupos étnicos**. Disponível em: <https://www.undp.org/pt/brazil/news/%C3%ADndice-de-pobreza-revela-grandes-desigualdades-entre-grupos-%C3%A9tnicos>. Acesso em: 17 fev. 2023.

SIEDENBERG, Dieter Rugard. **Indicadores de desenvolvimento socioeconômico**. Editora Unijuí, v. 1, n. 1, p. 45-71, jun./2003. .

TERRA, A. E. . **Acerca dos governos panistas no México após a alternância: as políticas externas de Vicente Fox (2000-2006) e Felipe Calderón (2006-2012)**. *Revista Perspectiva* , 2016.

THE WORLD BANK. **Educational attainment, at least completed lower secondary, population 25+, total (%) (cumulative) - Mexico**. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicador/SE.SEC.CUAT.LO.ZS?locations=MX>. Acesso em: 22 ago. 2023.

THE WORLD BANK . **GDP per capita (current US\$) - Brazil**. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicador/NY.GDP.PCAP.CD?end=2021&locations=BR&start=2016>. Acesso em: 20 fev. 2023.

THE WORLD BANK. **GDP (constant 2015 US\$) - Mexico.** Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD?end=2021&locations=MX&start=2010>. Acesso em: 22 fev. 2023.

THE WORLD BANK. **GDP (current US\$) - Brazil.** Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?end=2021&locations=BR&start=2016>. Acesso em: 20 fev. 2023.

THE WORLD BANK. **GDP (current US\$) - Mexico.** Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?end=2021&locations=MX&start=2018>. Acesso em: 19 fev. 2023.

THE WORLD BANK. **GDP growth (annual %) - Mexico.** Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG?end=2020&locations=MX&start=2010>. Acesso em: 19 fev. 2023.

THE WORLD BANK. **GDP per capita (current US\$) - Mexico.** Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.PCAP.CD?end=2021&locations=MX&start=2016>. Acesso em: 19 mar. 2023.

THE WORLD BANK. **Gini index - Brazil.** Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/SI.POV.GINI?end=2020&locations=BR&start=2010>. Acesso em: 28 fev. 2023.

THE WORLD BANK. **Gini index - Mexico.** Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/SI.POV.GINI?end=2020&locations=MX&start=2010>. Acesso em: 28 fev. 2023.

THE WORLD BANK. **Gini index - United States.** Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/SI.POV.GINI?end=2020&locations=US&start=2010>. Acesso em: 27 fev. 2023.

THE WORLD BANK. **Multidimensional poverty headcount ratio (% of total population) - Mexico.** Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/SI.POV.MDIM?locations=MX>. Acesso em: 20 mar. 2023.

THE WORLD BANK. **People using at least basic sanitation services (% of population)** - **Mexico.** Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicador/SH.STA.BASS.ZS?locations=MX>. Acesso em: 16 ago. 2023.

THE WORLD BANK. **Poverty headcount ratio at \$6.85 a day (2017 PPP) (% of population)** - **Mexico.** Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicador/SI.POV.UMIC?end=2020&locations=MX&start=2010&view=chart>. Acesso em: 20 fev. 2023.

UNIMEP. **O ACORDO DE LIVRE COMÉRCIO DA AMÉRICA DO NORTE – NAFTA – E SUA IMPORTÂNCIA PARA O COMÉRCIO INTERNACIONAL MUNDIAL.** Disponível em: <https://www.unimep.br/phpg/mostracademica/anais/6mostra/4/167.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2023.

USP. **Maquiladoras Mexicanas.** Disponível em: <https://sites.usp.br/portalatinoamericano/espanol-maquiladoras-mexicanas>. Acesso em: 30 nov. 2023.

VASCONCELOS, A. G. ; LIPOVETSKY, Nathália . **O Consenso de Washington e o Estado Democrático de Direito O insuperável paradoxo entre premissas dicotômicas.** In: Antônio Gomes de Vasconcelos, Ramiro Chimuris (coordenadores e organizadores);. (Org.). *Direito e economia: o direito ao desenvolvimento integral, financeirização da economia e endividamento público.* 1ed.Napoli / Itália: La Città del Sole, 2020, v. 1, p. 203-221.